

Organizations/Organizações/Organizaciones:

1. Força Tarefa Latinoamericana
“Adaptação como prioridade para a COP 30”
2. Instituto Talanoa
3. Transforma
4. Argentina 1.5
5. Plataforma CIPÓ
6. Conselho Nacional das Populações Extrativistas (CNS)
7. Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN)
8. Asociación para la Educación y el Desarrollo (ASEDE)
9. Instituto Decodifica
10. Fundación Avina
11. Instituto Alana
12. Instituto Socioambiental (ISA)
13. Grupo de Financiamiento Climático para Latinoamérica y el Caribe (GFLAC)
14. Coalizão Brasil Clima, Florestas e Agricultura
15. Centro Brasil no Clima (CBC)
16. WWF-Brasil
17. Conectas Direitos Humanos
18. Instituto Água e Saneamento
19. Palmares Laboratório Ação
20. IPÉ - Instituto de Pesquisas Ecológicas
21. Fundação SOS Mata Atlântica
22. Fundação Amazônia Sustentável (FAS)
23. Instituto Socioambiental da Bacia do Alto Paraguai SOS Pantanal
24. Fundación de Iniciativas de Cambio Climático, de Honduras
25. Instituto de Estudos Socioeconômicos (INESC)
26. Latin American Youth Climate Scholarship (LAYCS)
27. Clima de Política
28. Rede Vozes Negras pelo Clima
29. CANLA - Climate Action Network Latin-America
30. PerifaConnection
31. DanChurchAid
32. Frente Nacional de Prefeitas e Prefeitos (FNP)
33. Africa Climate Justice Movement
34. International Centre for Environmental Health and Development
35. Geledés - Instituto da Mulher Negra
36. Instituto Cerrado do Brasil
37. Instituto Triê
38. Climate Ventures
39. ECCO think tank
40. Oxfam Brasil
41. Observatório do Clima
42. Redes Chaco
43. A Casa Sul Global
44. Museu das Águas Brasileiras
45. Soulbeegood
46. Vertentes Ecosistema de Saúde Mental
47. Catalyst Now
48. ANDI - Comunicação e Direitos
49. Latin American Leadership Academy
50. ASEc+_ Associação pela Saúde Emocional
51. Greenpeace Brasil

13 de outubro de 2025

Carta aos líderes na pré-COP de Brasília

À Presidência da COP 30

Aos Ministros e Chefes de Delegação

As instituições signatárias desta carta conclamam os líderes globais a fazerem da COP 30 um marco de coragem política, solidariedade internacional e visão de futuro em relação à **adaptação climática**.

Em Belém, é essencial adotar um conjunto robusto de decisões que consolide a adaptação como prioridade dentro do regime internacional sobre mudança do clima. A conclusão dos **indicadores do Objetivo Global de Adaptação (GGA) em Belém** representará um passo decisivo para fortalecer a arquitetura global de resiliência. A consecução desse objetivo dependerá de **financiamento previsível** que sustente sua implementação.

Atualmente, o panorama é de preocupação, por dois motivos principais. Primeiro, não há incentivos claros para adaptação dentro do Novo Objetivo Coletivo Quantificado de Financiamento Climático (NCQG). Segundo, vencem, em 2025, tanto o Pacto Climático de Glasgow para duplicação dos recursos para adaptação (2019-2025), quanto a maior parte dos compromissos dos países doadores. O financiamento para adaptação pode enfrentar um verdadeiro abismo a partir de 2026, **justamente quando os custos da inação aumentam e os benefícios da ação antecipada diminuem**.

Por outro lado, o Roteiro de Baku a Belém para US\$1,3 trilhão oferece uma oportunidade concreta para ampliar o financiamento da adaptação dentro da arquitetura financeira global. E, como demonstrou o *Glasgow target* de duplicação até 2025, uma meta coletiva **cria um referencial político** que impulsiona fluxos e reorienta investimentos.

Este é, portanto, o momento de dar um novo impulso político e financeiro à adaptação. A COP30 pode ser reconhecida como **a COP que decidiu pelo menos triplicar o financiamento para adaptação até 2030**, estabelecendo um compromisso para a implementação de ações inadiáveis em países em desenvolvimento.

Por que ao menos triplicar?

1. Porque os países em desenvolvimento precisam de **previsibilidade** para transformar risco em resiliência, o que requer clareza e estabilidade nos fluxos públicos internacionais;
2. Porque essa meta criará o incentivo de curto prazo necessário para alcançar o **equilíbrio entre mitigação e adaptação até 2035**, como previsto no Novo Objetivo Coletivo Quantificado (NCQG) e no Acordo de Paris;
3. Porque **alinha-se ao compromisso de se triplicar até 2030 os recursos canalizados aos fundos climáticos verticais**, como o Fundo Verde para o Clima (GCF) e o Fundo de Adaptação (AF);

4. Porque as necessidades anuais de adaptação nos países em desenvolvimento são estimadas entre US\$ 215 e 387 bilhões até 2030, enquanto os fluxos públicos internacionais somaram apenas US\$ 28 bilhões (em 2022); elevar esse valor a **pelo menos US\$ 86 bilhões por ano até 2030** reduziria o déficit em mais de **30%**, evitando o aumento da lacuna entre necessidades e recursos disponíveis; e
5. Porque a adaptação segue **cronicamente subfinanciada**, representando apenas 34% do financiamento climático global (Adaptation Gap Report, 2024), apesar de ser a linha de frente da proteção de bilhões de pessoas perante a crise climática.

Como a COP 30 pode viabilizar esse avanço?

Recomendamos à Presidência da COP 30 e às delegações que, com coragem e visão, articulem uma decisão que inclua três componentes fundamentais:

- 1) **Um “sucessor” ao compromisso de Glasgow.** Reforçando a decisão de Baku sobre o NCQG, Belém deve dar o próximo passo necessário: renovar o compromisso de prover financiamento para adaptação aos países em desenvolvimento no curto prazo. No mínimo, triplicar o financiamento para adaptação até 2030, considerando pelo menos o nível de 2022 como base, ou então os dados de cumprimento da meta de Glasgow, quando disponíveis. Essa é a proposta do Grupo dos Países Menos Desenvolvidos (LDCs, na sigla em inglês), que apoiamos integralmente.
- 2) **O impulso à renovação dos compromissos dos países desenvolvidos com o financiamento para adaptação.** Países doadores estão no fim de seus atuais compromissos com o financiamento climático e têm agora a oportunidade de renová-los e aumentá-los, com números específicos para adaptação.
- 3) **Aproveitar o impulso político do Roteiro de Baku a Belém.** O Roteiro de Baku à Belém oferece o marco político necessário para elevar o financiamento para adaptação como pilar central do NCQG, ao lado da mitigação. A COP30 deve aproveitar esse momento para assegurar que a adaptação receba recursos previsíveis, em forma de doação e de acesso facilitado, capazes de enfrentar o subfinanciamento crônico e fortalecer a resiliência dos mais vulneráveis.

Lembrem-se... Financiar a adaptação é inteligente.

A adaptação é local, mas seus impactos são globais. Cada dólar investido em adaptação gera dez dólares em múltiplos benefícios econômicos e sociais, enquanto cada dólar ausente se traduz em perdas humanas e financeiras muito maiores. Financiar a adaptação salva vidas, reduz custos futuros e cria oportunidades para comunidades e economias, construindo um desenvolvimento resiliente. No setor agrícola, pode evitar perdas de US\$20 a 25 bilhões em safras e rebanhos até 2050. No setor de água e saneamento, pode evitar perdas de US\$270 a 380 bilhões causadas por tempestades, enchentes e secas. Reforçar a resiliência em energia, transporte e telecomunicações pode evitar danos de US\$110 a 170 bilhões em infraestrutura até 2050. E investir em resiliência pode gerar mais de 280 milhões de empregos na próxima década (Systemiq et al., 2025).

Lembrem-se... Financiar a adaptação é proteger vidas.

No mundo todo, a realidade da inação climática é catastrófica: inundações, secas, insegurança alimentar e danos à saúde afetam populações mais vulnerabilizadas. Povos indígenas, territórios negros e quilombolas, comunidades locais e periferias urbanas já enfrentam os riscos com soluções lideradas no nível local. Mas, por mais inovadoras que sejam, essas iniciativas precisam de escala suficiente: precisam de financiamento previsível e apoio para transformar a resiliência local em segurança coletiva.

Tripliquem o financiamento para a adaptação e sejam lembrados como líderes que tiveram a coragem de agir.

Com determinação e esperança,

October 13, 2025

Letter to Leaders At the Pre-COP in Brasília

To the Presidency of COP 30
To the Heads of Delegation

The institutions signing this letter call upon global leaders to make COP30 a landmark of political courage, international solidarity, and forward-looking vision on climate adaptation.

In Belém, it is essential to adopt a robust set of decisions that consolidate adaptation as a priority within the international climate regime. The **conclusion of the Global Goal on Adaptation (GGA) indicators in Belém** will represent a decisive step toward strengthening the global resilience architecture. Delivering on this goal will depend on **predictable financing** to support its implementation.

At present, there are serious concerns for two main reasons. First, there are no clear incentives for adaptation within the New Collective Quantified Goal on Climate Finance (NCQG). Second, in 2025 both the Glasgow Pact's target to collectively double adaptation finance and most donor country commitments to climate finance will expire. Adaptation finance may face a true cliff starting in 2026, just as costs of inaction are mounting, and the regards of early action are diminishing.

On the other hand, the Baku to Belém Roadmap to 1.3 trillion presents an opportunity to scale up the finance for adaptation within the broader finance architecture. And, as demonstrated by the Glasgow doubling target, a clear collective goal creates a political reference point that drives financial flows and reorients investments.

This is, therefore, the moment to give adaptation a new political and financial boost. COP 30 can be remembered as the COP that decided to **at least triple adaptation finance by 2030**, establishing a clear commitment to implement urgent actions in developing countries.

Why at least triple it?

1. Because developing countries need **predictability** to transform risk into resilience, which requires clarity and stability in public financial flows;
2. Because tripling finance creates the short-term incentive needed to achieve **balance** between mitigation and adaptation by 2035, as envisioned in the NCQG and the Paris Agreement;
3. Because it **aligns with and supports achieving** the goal of tripling by 2030 the outflows from the vertical climate funds, such as the Green Climate Fund (GCF) and the Adaptation Fund (AF);
4. Because the annual adaptation needs of developing countries are estimated at USD 215–387 billion by 2030, while international public flows amounted to only USD 28 billion in 2022 ([UNEP, 2024](#)); raising this figure to at least USD 86 billion per year by 2030 would **reduce the shortfall by over 30%**, avoiding the widening gap between needs and available resources;

5. Because adaptation remains chronically underfunded, representing only 34% of global climate finance (Adaptation Gap Report, 2024), despite being the **frontline** of protection for billions of people facing the climate crisis.

How can COP30 make this happen?

We recommend that the COP 30 Presidency and delegations, with courage and vision, work toward a decision that includes three key components:

1. **A “successor” to the Glasgow commitment.** Building on the Baku decision on the NCQG, Belém can take the next and necessary step: renewing the commitment to provide adaptation finance to developing countries. At a minimum, this means tripling adaptation finance by 2030, using 2022 levels or, when available, the Glasgow target achievement data as a baseline. This is the proposal put forward by the Least Developed Countries (LDC) Group, which we fully support.
2. **A push for donor countries to recommit adaptation finance.** Donor countries are reaching the end of their current climate finance pledges and now have the opportunity to renew and scale them up with specific targets for adaptation.
3. **Harnessing the political momentum of the Baku to Belém Roadmap.** The Baku to Belém Roadmap provides the political framework to elevate adaptation finance as a central pillar of the NCQG, alongside mitigation. COP 30 should seize this moment to ensure that adaptation receives predictable, grant-based and accessible resources that address the chronic underfunding and deliver resilience for the most vulnerable.

Remember... Financing adaptation is smart.

Adaptation is local, but its impacts are global. Every dollar invested in adaptation generates up to ten dollars in multiple economic and social benefits, while every dollar not invested translates into far greater human and financial losses. Financing adaptation saves lives, reduces future costs, and creates opportunities for communities and economies - building resilient development. In agriculture, it could avoid USD 20-25 billion in crop and livestock losses by 2050. In the water and sanitation sector, it could avoid USD 270-380 billion in losses from climate-induced storms, floods, and droughts. Building resilience to superstorms in power, transport and telecoms systems could avoid USD 110-170 billion in infrastructure damage by 2050. And investing in resilience could generate more than 280 million jobs over the next 10 years (Systemiq et al, 2025).

Remember... Financing adaptation is protecting lives. Adaptation is for life.

Across the world, the reality of climate inaction is catastrophic: floods, droughts, food insecurity, and health impacts are affecting the most vulnerable populations. Indigenous peoples, Afro-descendant and quilombola territories, local communities, and urban peripheries are already confronting risks through locally led solutions. Yet, no matter how innovative, these initiatives need scale, they need predictable finance and support to transform local resilience into collective security.

Triple adaptation finance now - and be remembered as leaders who had the courage to act.

With determination and hope,

Carta a los líderes en la Pre-COP de Brasilia

A la Presidencia de la COP30 A los Ministros y Jefes de Delegación

Las instituciones firmantes de esta carta exhortan a los líderes mundiales a hacer de la COP30 un hito de coraje político, solidaridad internacional y visión de futuro en materia de adaptación climática.

En Belém, será esencial adoptar un conjunto sólido de decisiones que consolide la adaptación como una prioridad dentro del régimen internacional sobre el cambio climático. La conclusión de los indicadores del Objetivo Global de Adaptación (GGA) representará un paso decisivo hacia el fortalecimiento de la arquitectura global de resiliencia. Sin embargo, alcanzar este objetivo dependerá de financiamiento previsible que sustente su implementación.

Actualmente, existen serias preocupaciones, por dos razones principales.

Primero, no hay incentivos claros para la adaptación dentro del Nuevo Objetivo Colectivo Cuantificado sobre Financiamiento Climático (NCQG). Segundo, en 2025 expirará tanto la meta del Pacto Climático de Glasgow de duplicar colectivamente la financiación para la adaptación (2019–2025) como la mayor parte de los compromisos de los países donantes en materia de financiamiento climático. La financiación para la adaptación podría enfrentar un verdadero abismo a partir de 2026, precisamente cuando los costos de la inacción aumentan y los beneficios de la acción temprana disminuyen.

Por otro lado, el Plan de Ruta de Bakú a Belém hacia 1,3 billones de dólares estadounidenses ofrece una oportunidad concreta para ampliar la financiación de la adaptación dentro de la arquitectura financiera global. Y, como demostró la meta de duplicación de Glasgow, un objetivo colectivo claro crea una referencia política que impulsa los flujos financieros y reorienta las inversiones.

Este es, por lo tanto, el momento de dar a la adaptación un nuevo impulso político y financiero. La COP30 puede ser recordada como la COP que decidió al menos triplicar la financiación para la adaptación hasta 2030, estableciendo un compromiso claro con la implementación de acciones urgentes en los países en desarrollo.

¿Por qué al menos triplicar?

1. Porque los países en desarrollo necesitan previsibilidad para transformar el riesgo en resiliencia, lo que requiere claridad y estabilidad en los flujos públicos internacionales;
Porque triplicar la financiación crea el incentivo a corto plazo necesario para lograr el equilibrio entre mitigación y adaptación para 2035, tal como se prevé en el NCQG y en el Acuerdo de París;

2. Porque se alinea con el objetivo de triplicar, para 2030, los recursos canalizados a los fondos climáticos verticales, como el Fondo Verde para el Clima (GCF) y el Fondo de Adaptación (AF);
3. Porque las necesidades anuales de adaptación de los países en desarrollo se estiman entre 215 y 387 mil millones de dólares estadounidenses para 2030, mientras que los flujos públicos internacionales ascendieron a solo 28 mil millones en 2022 ([UNEP, 2024](#)); elevar esta cifra a al menos 86 mil millones de dólares por año hasta 2030 reduciría el déficit en más del 30%, evitando el aumento de la brecha entre necesidades y recursos disponibles;
4. Porque la adaptación sigue estando crónicamente subfinanciada, representando solo el 34% del financiamiento climático global (Adaptation Gap Report, 2024), a pesar de ser la primera línea de protección para miles de millones de personas frente a la crisis climática.

¿Cómo puede la COP30 hacerlo posible?

Recomendamos que la Presidencia de la COP 30 y las delegaciones, con coraje y visión, trabajen hacia una decisión que incluye tres componentes fundamentales:

1. Un “sucesor” del compromiso de Glasgow. Basándose en la decisión de Bakú sobre el NCQG, Belém puede dar el siguiente paso necesario: renovar el compromiso de proporcionar financiación para la adaptación a los países en desarrollo. Como mínimo, esto significa triplicar la financiación para la adaptación hasta 2030, utilizando los niveles de 2022 o, cuando estén disponibles, los datos sobre el cumplimiento de la meta de Glasgow como línea de base. Esta es la propuesta presentada por el Grupo de los Países Menos Adelantados (LDC, por sus siglas en inglés), la cual apoyamos plenamente.

2. Un impulso para que los países donantes renueven sus compromisos de financiación para la adaptación. Los países donantes están llegando al final de sus compromisos actuales de financiamiento climático y ahora tienen la oportunidad de renovarlos y ampliarlos con metas específicas para la adaptación.

3. Aprovechar el impulso político del Plan de Ruta de Bakú a Belém. El Plan de Ruta de Bakú a Belém proporciona el marco político necesario para elevar la financiación de la adaptación como pilar central del NCQG, junto con la mitigación. La COP30 debe aprovechar este momento para garantizar que la adaptación reciba recursos previsibles, en forma de donaciones y con acceso facilitado, capaces de abordar el subfinanciamiento crónico y fortalecer la resiliencia de los más vulnerables.

Recuerden... Financiar la adaptación es inteligente.

La adaptación es local, pero sus impactos son globales. Cada dólar invertido en adaptación genera hasta diez dólares en múltiples beneficios económicos y sociales, mientras que cada dólar no invertido se traduce en pérdidas humanas y financieras mucho mayores.

Financiar la adaptación salva vidas, reduce costos futuros y crea oportunidades para las comunidades y las economías, construyendo un desarrollo resiliente. En el sector agrícola, podría evitar pérdidas de 20 a 25 mil millones de dólares en cultivos y ganado para 2050.

En el sector de agua y saneamiento, podría evitar pérdidas de 270 a 380 mil millones de dólares provocadas por tormentas, inundaciones y sequías. Reforzar la resiliencia en los sistemas de energía, transporte y telecomunicaciones podría evitar daños de 110 a 170 mil millones de dólares en infraestructura para 2050. Y invertir en resiliencia podría generar más de 280 millones de empleos en la próxima década (*Systemiq et al., 2025*).

Recuerden... Financiar la adaptación es proteger vidas.

En todo el mundo, la realidad de la inacción climática es catastrófica: inundaciones, sequías, inseguridad alimentaria y problemas de salud afectan a las poblaciones más vulnerables. Pueblos indígenas, comunidades locales, territorios afrodescendientes y barrios periféricos urbanos ya enfrentan estos riesgos con soluciones lideradas localmente. Pero, por más innovadoras que sean, estas iniciativas necesitan escala y previsibilidad: requieren financiamiento estable y apoyo político para transformar la resiliencia local en seguridad colectiva.

Tripliquen la financiación para la adaptación y sean recordados como los líderes que tuvieron el coraje de actuar.

Con determinación y esperanza,